

pendular

AVISO

EDIÇÃO Nº 5/6
LISBOA-MADRID
GRATUITO

Papel 100%
reciclado

PROTESTOS DA GERAÇÃO Z: A REBELIAO DOS NATIVOS DIGITAIS

Uma geração que tem em comum o desejo de mudança decidiu sair à rua. As suas preocupações vão da escassez de bens essenciais até ao combate à corrupção. Os protestos mobilizados pela chamada Geração Z já levaram ao recuo de medidas e até à queda de um governo - 03

ESPAÑA CONSTRÓI PRISÕES DE MIGRANTES NA MAURITÂNIA

A Espanha, através do seu Ministério dos Negócios Estrangeiros, abriu duas prisões para migrantes na Mauritânia. Estes dois centros de detenção vão ter capacidade para mais de 180 pessoas, no total, tendo a possibilidade de prender também bebés em idade lactante, algo proibido em Espanha - 02

CENTROS SOCIAIS RESISTEM

A gentrificação que despeja estes espaços é a mesma que torna o preço das casas incomportáveis para a grande maioria da população, transformando Lisboa numa cidade cada vez mais fria, elitizada e baseada no consumo - 03

A NOSSA LIBERDADE ESTA INCOMPLETA SEM A PALESTINA

O Estado que comete um genocídio em directo nos nossos ecrãs de bolso durante dois anos, matando indiscriminadamente mulheres, homens e crianças inocentes, tem o direito de manter o seu poderio militar e até de aumentá-lo. Por outro lado, o Estado que é vítima de genocídio (e de quase 8 décadas de ocupação ilegal), não tem o direito de se defender, mesmo tendo como vizinho o próprio Estado que massacrou a sua população? - 05

ARTE COMBATE

Quando os únicos espaços de debate são as redes sociais, com formatos e aparências pré-estabelecidas, quando as únicas séries que vemos são de plataformas que só pensam em dinheiro, quando os móveis de todas as casas são da mesma empresa... vivemos num mundo mais miserável - 06

O PASSADO QUE AINDA SE CALA

Estima-se que, só na península ibérica, durante a Idade Moderna (séculos XV-XVIII), cerca de dois milhões de pessoas tenham sido escravizadas. Em regiões como a Andaluzia chegaram a representar 10% da população, tal como em cidades como Lisboa, enquanto que noutras, como o Porto, o número esteve à volta dos 6% e em Madrid, entre 2% e 3% - 04



CANTAR A AMIZADE

Hoje queremos cantar a amizade e erguê-la como bandeira todos os dias e todos os anos. Uma bela desculpa para nos amarmos e admirarmos a partir de um olhar consciente e crítico, como quando a tua avó vai confirmar se o bolo está bem cozido. É a importância de criar a tua própria rede e garantir que a cuidas e que te cuidem - 07

MIAÚFA

Daqui de onde vivo teme-se o exterior. Ocasionalmente o lar é invadido e aí tudo vale para ganhar uma liberdade modesta. A acção pensante interior é ferozmente agressiva e essa nunca produz o resultado pretendido - 07

EMPRESAS POLÍTICAS: PARA ALEM DO COOPERATIVISMO

Queremos converter-nos numa rede de estruturas populares que articule todas as dimensões da vida — habitação, feminismo, educação, alimentação — complementada com projetos de autoemprego a que chamamos «empresas políticas» - 04

aviso pendular

O nosso dia-a-dia ainda não nos pertence por completo. Passamos horas e horas a trabalhar e outras tantas a tentar encaixar o que queremos com o que parecemos. Ter uma educação formal, arranjar um bom emprego, casar ou reproduzir a espécie: quando é que vamos fazer estas e outras coisas porque realmente nos apetece, a partir das nossas identidades e diferenças mas sempre em conjunto?

E como organizar a destruição da sociedade em que vivemos sem conversarmos um pouco antes? Não queremos ter uma conversa com base no lucro, no castigo ou na autoridade. Preferimos a alegria em vez do medo, a paixão em vez do ressentimento e o amor em vez do poder. Queremos construir um espaço onde seja possível a inspiração e a expressão pessoal, construindo ao mesmo tempo uma rede comum, sem as manias da política especializada e da arte institucional. Queremos que a arte se transforme nas nossas vidas, a cada segundo que passa.

Talvez algum dia deixemos de ter que trabalhar horas a fio para poder comer, alugar uma casa e passar uns dias de férias algures, se der. Talvez algum dia chegue o momento em que cada qual será livre de fazer o que bem entende com a sua própria vida, sem que isso incomode quem quer que seja. Mas nenhuma pessoa será livre se não o forem também todas as outras. Nenhuma instituição ou governo nos vai conceder esse prazer de mão beijada, no entanto. A nossa emancipação, se a alcançarmos algum dia, destas vidas que temos que não são bem nossas, será obra das nossas próprias mãos. Não vai depender de mais ninguém nem de nenhuma cartilha, mas sim da nossa autonomia.

O que esperamos é que apareça uma multidão de forças, mesmo que assumidamente pequenas como a nossa, neste desejo de pôr a conversa em dia. Esta vamos tê-la numa terra comum, a península ibérica. É aqui que vivemos e agora que nos apetece conversar. Mas podia ser em qualquer lado e noutro momento qualquer!

ESPAÑHA CON- TROI PRISÕES DE MIGRANTES NA MAURITÂNIA

A Espanha, através do seu Ministério dos Negócios Estrangeiros, abriu duas prisões para migrantes na Mauritânia. Estes dois centros de detenção vão ter capacidade para mais de 180 pessoas, no total, tendo a possibilidade de prender também bebés em idade lactante, algo proibido em Espanha. Foram fundos públicos espanhóis a financiar estas obras, em mais de um milhão de euros, além de terem fornecido como modelo as prisões de migrantes que já existem nas ilhas das Canárias, em Espanha.

Vão servir para, supostamente, "apoiar a luta contra o tráfico de migrantes e a gestão da migração irregular na Mauritânia". A solução do governo espanhol para quem procura uma vida melhor é a prisão, à semelhança de tantos outros governos, como o britânico ou o norte-americano. O governo espanhol é, supostamente, da esquerda progressista. Mas não importa: sejam de esquerda ou de direita, os governos pretendem criminalizar uma actividade humana básica, a mobilidade. De acordo com o Global Detention Project, são presos, anualmente, cerca de 100 mil migrantes na Europa. E a ideia, ao que parece, é continuar a construir mais e mais prisões.

Venderam-nos a ideia duma União Europeia que ia aproximar pessoas e abolir fronteiras. Afinal, a ideia era outra. NR

NEM TUDO O QUE RELUZ É IA

Em 2024, a Google chegou a um acordo com a plataforma Reddit, um enorme fórum digital onde se têm conversas de café de forma moderna, para utilizar o seu conteúdo nos seus modelos de inteligência artificial, especialmente para treinar os seus modelos de linguagem de grande escala. São estes que vemos agora sempre que fazemos uma pesquisa na Google. Isto significa que, muitas vezes, a "informação de inteligência artificial" que se obtém é, basicamente, informação disponível no Reddit. Para além de treinarem as suas inteligências artificiais sem critério humano e, portanto, de forma muito mais barata, a informação pode revelar-se pouco fidedigna ou fiável, o que pode ser perigoso quando se pesquisa sobre alguma doença ou eleição política, por exemplo.

Os modelos que as "inteligências artificiais" utilizam são ferramentas de aprendizagem automática que se baseiam em modelos de reprodução da linguagem humana. Revolucionaram a forma de interagir com os dispositivos electrónicos, como os próprios motores de busca o fizeram no seu tempo. Mas lembrem-se de que estes modelos são treinados com discursos, textos e imagens que já existem. Se for treinado com textos da tua tia Manela, vai falar e reproduzir o que a tua tia Manela escreveu ou desenhou. Mas só a Manela verdadeira pode inventar uma receita nova ou uma palavra carinhosa para chamar a sua sobrinha. As inteligências artificiais não são o futuro, são apenas uma ferramenta, lembrem-se disso. RGB

QUANDO 70% DA TERRA AGRÍCOLA É PARA ALIMENTAR GADO

A maior parte dos alimentos produzidos no mundo está destinado à produção de rações para gado. Em 2019, cerca de 70% das terras agrícolas da União Europeia eram usadas para alimentar animais criados para consumo humano. A exploração dessas terras recebe entre 28 e 32 mil milhões de euros em subsídios europeus, quase 20% do orçamento da UE.

Perante este modelo, diversos estudos indicam que existem alternativas viáveis e mais sustentáveis. Um relatório publicado há poucos anos pelo Centro Nacional da Investigação Científica de França (CNRS) demonstrou que uma produção alimentar ecológica, baseada em princípios agroecológicos, na reintegração de culturas e pecuária — hoje muito separadas — e numa redução do consumo de produtos de origem animal

poderia alimentar a Europa até 2050. Além disso, reduzindo o consumo de produtos animais, toda essa terra agrícola utilizada para sustentar a sua produção massiva poderia ser usada para cultivar alimentos para nós. E usava-se menos água!

Este consumo atingiu níveis ridículos e desnecessários nas últimas décadas. Em 2019, a revista científica The Lancet recomendou reduzir o consumo de carne vermelha em 77% na Europa e, segundo a Greenpeace, em 2020 e só em Espanha, foram mortos mais de 900 milhões de animais para consumo humano, o que dá uma média de 1.700 animais por minuto. O atual grau de consumo de produtos animais provenientes da exploração pecuária massiva não é uma necessidade inevitável, mas sim uma escolha política e económica. AG

CENTROS SOCIAIS RESISTEM

A Disgraça, centro social autogerido, localizado na Penha de França, conseguiu, depois de mais de um ano de campanha de angariação de fundos e solidariedade, juntar o dinheiro necessário para a compra do próprio espaço. Foi uma campanha que se estendeu por muitos espaços comunitários de Lisboa e de outros países, com numerosos eventos - entre concertos, jantares e conversas - tendo uma parte do dinheiro sido também angariada com recurso a empréstimos solidários. Um projeto ambicioso e importante, que poderia parecer uma miragem, conseguiu chegar a bom porto com organização comunitária. Garante-se assim que a Disgraça, um dos principais centros sociais e espaços comunitários de Lisboa, continuará onde está e a pertencer a quem a constrói e nela participa.

É uma excelente notícia, mas que tem como pano de fundo a situação trágica das associações recreativas, culturais e centros sociais lisboetas. No passado mês de outubro, a Zona Franca dos Anjos foi despejada. A Sirigaita está há mais de um ano a resistir ao processo de despejo, tendo recusado entregar as chaves ao senhorio. A Casa Independente está também na iminência de ter de abandonar o seu espaço. O mesmo destino tiveram já nos últimos anos vários coletivos que ajudaram a tornar "cool" a zona da Almirante Reis, e que agora vão sendo expulsos, um por um. A gentrificação que despeja estes espaços é a mesma que torna o preço das casas incomportáveis para a grande maioria da população, transformando Lisboa numa cidade cada vez mais fria, elitizada e baseada no consumo. É preciso defender estes centros e associações de bairro: combatem o individualismo que nos querem impôr, onde somos pessoas e não consumidores, onde podemos estar juntos e construir uma vida em comum! RZ

PROTESTOS DA GERAÇÃO Z: A REBELIÃO DOS NATIVOS DIGITAIS

Uma geração que tem em comum o desejo de mudança decidiu sair à rua. As suas preocupações vão da escassez de bens essenciais até ao combate à corrupção. Os protestos mobilizados pela chamada Geração Z (nascida entre 1997 e 2012), os primeiros a crescerem num mundo com internet e smart-phones, já levaram ao recuo de medidas e até à queda de um governo.

Na Indonésia, os protestos apareceram em agosto sob a forma de grafitis em Yogyakarta e resultaram na detenção de pelo menos cinco pessoas e dez mortos. A gota de água que levou cidadãos às ruas foram os benefícios atribuídos aos deputados do país, incluindo um subsídio de alojamento correspondente a quase dez vezes o salário mínimo da capital, Jacarta.

Em Marrocos, a base do descontentamento está no dinheiro investido pelo Estado na preparação de torneios como o Mundial de Futebol de 2030 e a morte de oito mulheres durante cesarianas em apenas dez dias no hospital Hassan II, em Agadir. Reformas na educação, acesso universal nos serviços de saúde e combate à corrupção governamental, são outras das reivindicações.

No Nepal, dezenas de redes sociais foram bloqueadas depois de terem sido uma ferramenta para a expressão de insatisfação contra a corrupção e as desigualdades sociais. Os protestos ditaram a demissão do primeiro-ministro.

No Peru, os protestos arrancaram a 20 de setembro, em Lima, quando centenas de pessoas se juntaram a sindicatos e organizações sociais para protestar contra as reformas de pensões, casos de extorsão e abusos policiais contra manifestantes. A resposta das autoridades foi pesada: a polícia nacional destacou cinco mil agentes, que dispararam gás lacrimogénico e balas de borracha contra os manifestantes.

Em Madagáscar, a escassez de água e falhas de eletricidade levaram jovens a manifestar-se em setembro, numa contestação que se manteve durante semanas. Destituir o governo não pôs fim à tensão. A lista de exigências inclui a demissão do chefe de Estado, a criação de um modelo governamental democrático com acesso universal a serviços essenciais (água, eletricidade, saúde, educação e emprego) e combate à corrupção.

E aqui?

CRM

GOVERNO ATACA FAMÍLIAS

A nova lei laboral, inicialmente, propunha que quem tivesse responsabilidades familiares deixasse de poder recusar turnos ou horários "de trabalho noturno ou prestado habitualmente aos fins-de-semana e feriados". Ou seja, as famílias que até agora podiam rejeitar certos horários porque tinham crianças com deficiência, doença crónica ou simplesmente menos de 12 anos, iam ter que estar disponíveis para trabalhar a qualquer dia e a qualquer hora. Afinal, quem é que defende as famílias?

Esta medida é tão polémica que o governo está a recuar nas negociações. Contudo, nas novas propostas, a empresa ainda pode obrigar à mudança de horário se existirem "exigências imperiosas do funcionamento da empresa" ou a "impossibilidade de substituir o trabalhador".

Exigências imperiosas? Serão as mesmas que fazem o governo propôr limitar a redução de horário por amamentação a dois anos? Saberá o governo que a exigência imperiosa de uma criança em ser amamentada varia de bebé para bebé? Afinal, quem é que defende as famílias?

Mas nada disto é novidade. Na altura da troika muitos direitos foram retirados e em 2019, já com outro governo, foi aprovada outra lei laboral. Agora o governo mudou outra vez mas a receita é a mesma. A greve geral de 11 de dezembro não depende de quem está no governo ou de negociações feitas nos bastidores mas da nossa força, para ir além de pequenas migalhas e lutar para que o trabalho deixe de ser o centro das nossas vidas. NR

Rojelia y Tito Detrito

Não se pode dizer nada...



O PASSADO QUE AINDA SE CALA

Estima-se que, só na península ibérica, durante a Idade Moderna (séculos XV-XVIII), cerca de dois milhões de pessoas tenham sido escravizadas. Em regiões como a Andaluzia chegaram a representar 10% da população, tal como em cidades como Lisboa, enquanto que noutras, como o Porto, o número esteve à volta dos 6% e em Madrid, entre 2% e 3%. A sua origem era principalmente subsaariana, berbere, norte-africana, afro-americana, mourisca, canária ou indostânica e chegavam à península através do tráfico escravagista espanhol e português, embora tenham sofrido processos de aculturação que incluíram muitas vezes a sua conversão ao cristianismo.

A nível jurídico, em Espanha, as pessoas escravizadas eram consideradas propriedade dos seus escravagistas, que tinham direito legal a decidir sobre elas a todos os níveis, incluindo, nalguns casos, o de lhes tirar a própria vida. Muitas eram meninas e mulheres, o que levou alguns historiadores a propor que o sistema escravagista as tenha afectado especialmente. Além disso, eram vendidas por mais dinheiro do que os homens, em muitos casos. Apesar disto ter sido relacionado com a sua capacidade

reprodutora, a realidade é que a gravidez representava um perigo para a sua vida e as possibilidades das crianças morrerem eram altas, além de, durante os primeiros anos de vida, serem improdutivas. Por isso, nos últimos anos, tem-se sugerido que o preço elevado das mulheres escravizadas podia corresponder, na verdade, ao seu maior rendimento e capacidade de trabalho.

Tanto mulheres como homens na mesma situação foram forçados a realizar diversas actividades, quer ao serviço dos seus escravagistas quer para outras pessoas com quem eram empregues, em troca de um aluguer ou de um salário que os escravagistas cobravam. Embora o trabalho doméstico — limpar, cozinhar e até amamentar as crianças dos seus exploradores — tenha sido uma das suas principais ocupações, também foram envolvidos noutros âmbitos: fição, construção, venda ambulante ou em lojas, assistência em padarias ou tabernas, vindima, trabalho em campos e hortas ou até ofícios artísticos como a pintura. O caso mais conhecido é o de Juan de Pareja, escravizado pelo pintor

Diego Velázquez e autor de obras como A Vocação de São Mateus, exposta no Museu do Prado, mas há muitos outros, como Juan de la Cruz, escravizado pelo pintor Vicente Carducho, que também se dedicou a esse ofício. Não são excepções, mas parte habitual do funcionamento dos sistemas de produção da época.

Deste modo, as pessoas que foram escravizadas na península ibérica desde os inícios do sistema escravagista espanhol e português participaram, forçadamente dada a sua condição, no desenvolvimento quotidiano de ambas as sociedades, desempenhando actividades diversas em função do grupo doméstico dos seus escravagistas e contribuindo para a sua construção social, cultural e artística. Rejeitar actualmente quem chega de outros lugares, colocando sobre essas pessoas a responsabilidade pelas misérias do capitalismo, não só significa ignorar a história, como também reproduz as lógicas racistas e desumanizadoras que sustentaram a escravatura. É, afinal de contas, a lógica do colonialismo.

Alba Gómez

EMPRESAS POLÍTICAS: PARA ALÉM DO COOPERATIVISMO

La Villana de Vallekas (A Vilã de Vallekas, situada nesse bairro de Madrid), é um centro social que deu um salto: pagávamos renda e agora comprámos coletivamente um espaço, o que transferiu os nossos debates para a comunidade. A nossa pergunta já não é onde nos reunimos mas sim como sustentar a nossa comunidade em luta. Queremos converter-nos numa rede de estruturas populares que articule todas as dimensões da vida — habitação, feminismo, educação, alimentação — complementada com projetos de autoemprego a que chamamos «empresas políticas». Estas empresas — uma taberna e uma livraria — procuram reforçar a nossa infraestrutura económica e gerar espaços de autoemprego que permitam dedicar-se à militância sem depender do mercado assalariado. Mas surge a pergunta fundamental: o que faz com que uma cooperativa seja verdadeiramente política?

O primeiro erro seria o fetichismo da forma cooperativa. Assumir que ser uma cooperativa já nos torna radicais é perigoso: reduz toda a ação política a manter o projeto economicamente. Como alertam Emmanuel Rodríguez e David Gámez, o cooperativismo tende a fechar-se numa «cápsula autossuficiente» que gera um «défice de politicidade». Porque o que politiza uma empresa não é a sua forma jurídica mas sim as suas práticas. Na minha cooperativa, a livraria mala letra, tomámos decisões que limitam a nossa rentabilidade mas reforçam o coletivo: acolher a biblioteca do coletivo feminista Ariskas, mesmo que isso reduza as vendas, manter grupos de leitura gratuitos, desenvolver software livre de gestão para criar arquivos comuns com outras livrarias...

A chave para a politicidade de uma empresa (pelo menos, numa num centro social) está

na sua relação com os restantes coletivos. Como diz a Traficantes de Sueños, uma livraria e editora em Madrid: «É a interdependência com os movimentos que permite que o projeto seja sustentável». As empresas devem ser ferramentas ao serviço da comunidade, não projetos autónomos que apenas partilham espaço e doam lucros. Isto requer democratizar radicalmente as decisões: que os coletivos proponham que livros ter, que debates organizar, quem convidar. Um cooperativismo expandido no qual a propriedade não recaia apenas sobre quem trabalha, mas sim sobre toda a rede.

Construir empresas políticas é um laboratório para explorar uma economia alternativa a partir de baixo, onde as cooperativas não sejam fins em si mesmas, mas meios para potenciar a auto-organização e expandir as nossas capacidades de transformação.

javier correa román

A NOSSA LIBERDADE ESTÁ INCOMPLETA SEM A PALESTINA

Após dois anos de genocídio (sem contar com os 75 que os precederam), vários países decidiram seguir o exemplo da França — Portugal não foi exceção para variar — e reconhecer a Palestina como Estado. Nem sanções, nem embargo militar ao Estado genocida, não... reconhecimento da Palestina. Reconhecimento este, que foi formalizado durante a assembleia geral das Nações Unidas em Setembro, nos Estados Unidos da América (EUA), país sem o qual Israel não existiria como existe hoje. EUA que, também, decidiram revogar os vistos aos representantes da Autoridade Palestiniana, liderados por Mahmoud Abbas, impedindo-os desta forma de estarem presentes fisicamente para assistirem em pessoa ao reconhecimento do seu Estado pelos ocidentais.

Um reconhecimento cheio de condições como bom colonizador quer. Uma das condições para que o reconhecimento se torne efectivo, é a de que a Palestina não poderia ser militarizada de forma a garantir a segurança de Israel. Portanto, a Palestina passaria a ser o único Estado no mundo sem forças armadas. O anti-militarismo no mundo inteiro é desejável, mas é pela Palestina que se começa?

Ora vejamos se percebemos bem: o Estado que comete um genocídio em directo nos nossos ecrãs de bolso durante dois anos, matando indiscriminadamente mulheres, homens e crianças inocentes, tem o direito de manter o seu poderio militar e até de aumentá-lo. Por outro lado, o Estado que é vítima de genocídio (e de quase 8 décadas de ocupação ilegal), não tem o direito de se defender, mesmo tendo como vizinho o próprio Estado que massacrou a sua população?

Temos de supor então, que, este Estado Palestino não armado terá de confiar na boa fé de Israel?

Basta olhar para como Israel tem “respeitado” o cessar-fogo em Gaza, matando quase 500 palestinianos desde que este entrou em vigor, ou até para o Líbano, que Israel bombardeia todos os dias desde esse outro cessar-fogo, para ver como os israelitas não são de confiança.

A Palestina é a vítima, Israel é o agressor e prova-o todos os dias, atacando quem quer, quando quer; e fá-lo porque sabe que não há consequências para as suas ações. Por conseguinte, os palestinianos têm o direito

de se defender dessa ameaça constante, é aliás imperativo que o façam para garantirem algum semblante de segurança.

Que as coisas sejam claras: apesar de uma comunicação social altamente enviesada sobre este assunto (para o lado de Israel claro está), o ataque do Hamas a 7 de Outubro de 2023 (cujo número de vítimas mortais israelitas aumentou claramente depois das forças de defesa de Israel terem activado a “Hannibal Directive”) foi um acto de resistência contra um opressor que destruiu a vida de gerações e gerações de palestinianos durante 75 anos, cometendo crimes contra a humanidade contra esse povo com o consentimento da comunidade internacional. A resistência armada contra a opressão é um direito. Apesar de dois anos de genocídio incontestável e injustificável por parte de Israel, o Hamas é que é considerado terrorista por parte do ocidente. Mas o Hamas, mesmo sendo reacionário e conservador, foi a única organização que fez

o que qualquer ser faz quando é atacado e quando a sua vida está em perigo: defendeu-se. Neste caso, defendeu o seu povo.

A resistência francesa também era considerada terrorista pelos nazis durante a segunda guerra mundial, tal como a resistência no gueto de Varsóvia na mesma altura. Como eles, Nelson Mandela também foi considerado terrorista pelo Estado racista da África do Sul do Apartheid e acabou por tornar-se presidente desse mesmo país.

Relembremos esta famosa frase de Mandela: “ontem fui chamado terrorista, mas quando saí da prisão, muitas pessoas me abraçaram, inclusive os meus inimigos. E é isso que costumo dizer a outras pessoas que afirmam que aqueles que lutam pela libertação no seu país são terroristas”.

Ou esta: “Sabemos demasiado bem que a nossa liberdade está incompleta sem a liberdade dos palestinianos”.

José Torres

HOMENAGEM A MIGUEL HERNANDEZ (Ainda tenho a vida)



Edu Bastos

ARTE COMBATE

Se a única coisa que fizéssemos na vida fosse comer, dormir e trabalhar, as consequências para a nossa saúde mental seriam impressionantes. A forma como as nossas sociedades estão organizadas já levam essa ideia demasiado longe e é por isso que tanta gente vive com depressão clínica. Mas, ainda assim, há sempre um bocadinho de tempo para ver uma série, para ver vídeos de entretenimento ou para decorar algum espaço da casa com alguma coisa um pouco mais bonita, por mais barata que seja, não é? É como se a vida, sem essas pequenas coisas, se tornasse ainda mais miserável.

O facto desses momentos, também eles, estarem controlados pela cultura do trabalho e por empresas gigantes não é coincidência. Forma e conteúdo nunca vão por separado. Quando os únicos espaços de debate são as redes sociais, com formatos e aparências pré-estabelecidas, quando as únicas séries que vemos são de plataformas que só pensam em dinheiro, quando os móveis de todas as casas são da mesma empresa... vivemos num

mundo mais miserável. Estes dispositivos (as séries, as redes sociais, a mobília) não servem só para adornar ou decorar o nosso dia-a-dia. Influenciam-no de forma violenta.

A arte é um reflexo de cada momento histórico. Quando o continente americano foi colonizado, de forma extremamente violenta, existiu um contacto muito mais regular entre as pessoas europeias, africanas e americanas. E pode parecer mentira mas já nessa altura havia gente que criticava a violência do colonialismo europeu. Isso foi incluído na arte. No antigo retábulo da capela-mor da catedral de Viseu, podemos ver uma representação de três reis magos em que um deles é um ameríndio, um índio brasileiro. Inclui-se essa figura de forma amigável, por mais surpreendente que seja. pensa-se ter sido pintado por volta de 1505. Mas, sinais dos tempos, por volta de 1510-1520, aparecia já outra pintura, de um mestre desconhecido, representando o inferno. Nela, os demónios são representados como ameríndios, como índios brasileiros. E a representação não é nada amigável. Assim como podemos sempre desconfiar das palavras, podemos também

desconfiar das imagens. Esta representação do inferno serviu para desumanizar e promover a violência contra outro grupo de pessoas.

Também há exemplos do presente. Os muros da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na avenida de Berna, em Lisboa, serviram durante muitos anos como local de expressão estudantil. Ali se pintavam reivindicações de cada momento, em conjunto entre muitas mãos. Era a arte a tornar-se vida. Invariavelmente, a direcção da faculdade voltava a pintar os muros de branco. Mas, recentemente, aconteceu algo bastante bizarro e inteligente. Pintou-se o muro, de forma institucional e para celebrar o 25 de abril, enchendo-o de cravos vermelhos. Que bonito, não é? Haverá até quem aplauda, por ver a arte como uma decoração e não como um horizonte de vida. Pois bem, agora já ninguém pinta nada lá, não há nenhuma reivindicação, não há vida ali.

Usemos a arte, como arte-combate. Usemos a arte para viver outra vida, para que ela se transforme nas nossas vidas.

A. Duarte

POR ONDE POSSO DANÇAR?



M. J. S. M. U. M. J. S. M. U. M. J. S. M. U. M.

Leonor Freitas

LÁGRIMAS

Caminhando para o trabalho de novo, por volta das cinco da manhã, penso em você.

Agarro nesses segundos em que o silêncio e o espaço abundam nas ruas para devanear e me perguntar.

Com a certeza que tudo isso é absoluta ilusão, me pergunto onde você está.

Em que país poderia estar ou quão perto estaríamos se eu não tivesse me mudado.

Me pergunto sobre o seu gênero, rezando para que seja o melhor.

Me pergunto se nos encontramos nas mesmas músicas ou se eu te revelaria, com letras de canções e preces, o meu ser mais íntimo.

Me pergunto se nossas almas se cruzariam pelos sons de uma noite qualquer ou se nossas mãos se encontrariam na rua.

Me pergunto se poderíamos incendiar a nossa raiva do mundo na mais bonita chama política, como uma unidade feita de desejo.

E então, no meio do caminho, rezo aquela prece minúscula, aquela que você diz com os olhos secretamente úmidos, em silêncio.

Num suspiro, digo: Cruza meu caminho.

Me encontra.

Por favor, me atinja. Num suspiro, digo: já pisei estradas demais, trilhas demais e com os pés inchados, agora descanso.

Eu te convido a vir a mim, a ser banhada pelos meus lábios inteiros, a ser ouvida, admirada e elogiada só por existir, seu cabelo gentilmente acariciado e seu corpo abraçado infinitamente, como se fosse casa.

E quando é hora de começar a rotina do dia, desço do ônibus e no último sopro de fantasia que me resta, me pergunto se você é realmente VOCÊ ou se você sou EU.

E quando rapidamente se desvanecem estes pensamentos, só desejo que esse sonho aconteça o quanto antes.

Brunna Lopes

CANTAR A AMIZADE

Sozinha não sei, mas com amigas garanto-te que tudo é mais fácil.

Hoje queremos cantar a amizade e erguê-la como bandeira todos os dias e todos os anos. Uma bela desculpa para nos amarmos e admirarmos a partir de um olhar consciente e crítico, como quando a tua avó vai confirmar se o bolo está bem cozido. É a importância de criar a tua própria rede e garantir que a cuidas e que te cuidem.

A amizade em que as protagonistas são mulheres, que se pode tornar numa teia de amor, segurança, limites e cuidados, apesar de o patriarcado tentar destruí-la. Ser amiga é apoiar, é dizer: cuidado, não é por aí. Não gosto quando ele te fala assim. Amo-te. Ouvir os teus gritos, os que fazem barulho e os que não fazem. Entre nós, podemos ajudar-nos a perceber o nosso valor. É um empoderamento mútuo. As lógicas do machismo muitas vezes empurram-nos a pôr as nossas amigas de lado ou nem sequer considerar manter e fazer florescer as nossas amizades, porque temos que nos dedicar a outras coisas.

A nossa rede de amizades, a família que deveríamos ter o direito a escolher, pode tornar-se no motor da nossa vida. Desde trazer-nos um tupperware a casa quando não nos conseguimos levantar da cama até levar a nossa criança ao parque. É tomar conta de nós quando a vida nos satura. Um passeio pelo bairro, rir e pôr a conversa em dia: Amiga, acompanha-me ao mercado ou acompanha-me a abortar. Seja o que for, mas acompanha-me. Acompanhar; juntar ou agregar algo a outra coisa. A solidão agrega-se à companhia e daí podem nascer os mais belos amores, aqueles que percorrem as amigas num mundo cheio de violências contra mulheres e meninas. Com amigas, a vida não se faz tão dura.

Querem-nos dispersas, obrigam-nos a escolher para que lado colocar o amor na balança. Não queremos balanças, queremos que o mundo pare quando nos falta uma amiga, quando nos é arrancada pelas mãos de homens que não estão doentes, mas que são filhos saudáveis do patriarcado. Queremos gritar e arder em raiva quando as nossas amigas sofrem por causa de homens e instituições que não querem cuidar nem tratar com dignidade. Queremos deixar de contar mil vezes a nossa história e não ser julgadas se não cumprimos o papel de vítima perfeita para que acreditem em nós.

Por isso, hoje colocamos o foco na amizade entre mulheres, nos cuidados, na sororidade, no amor horizontal, o que acompanha e cuida. Cuidam de mim e cuido das minhas amigas, num mundo onde não se cuida das mulheres. Estas amigas que escolho e com quem continuo a tecer a minha rede apesar de o mundo se empenhar em separar-nos e desbaratar-nos os fios.

Marieta Linares Montero

MIAÚFA

Para começar:

Daqui de onde vivo teme-se o exterior. Ocasionalmente o lar é invadido e aí tudo vale para ganhar uma liberdade modesta. A ação pensante interior é ferozmente agressiva e essa nunca produz o resultado pretendido. Vai passando com um químico ou com alguma sorte consistente na escuta da dor

O que se pretende? Que me acompanhe
Ser visitado e invadido e não dispersar ou perder o olhar

A sensação que no meio destas palavras faltam outras sugere-me que não vivo, vou existindo, porque só e sem visitas protejo-me do entendimento

Sem nexo escrevo e saltito entre mim e dentro de mim e como disse o Ângelo de Lima "Pára-me de repente o pensamento"

A cada momento que se sucede desconheço mais os arquétipos
É miaúfa

Tiago Rosa

TRABALHE OU MORRA



HÁ TRÊS SEMANAS QUE TENHO UM TIQUE NO OLHO

frag_men_ta_da

O HORIZONTE DE EVENTOS primeira parte

I

Aquele banco de madeira no parque da cidade costumava estar ocupado por uma jovem mulher. Um observador muito atento até poderia dizer que a própria madeira se tornava mais acolhedora todas as vezes que aquela jovem mulher descansava ali, depois do trabalho ou durante os fins de semana. O seu nome era Paula e naquele dia estava extremamente feliz. Eram seis da tarde de um 21 de Outubro qualquer e ainda fazia um sol que tornava agradável a brisa que lhe soprava na cara.

A filha era muito parecida com ela: era morena e tinha olhos verdes. E, certamente, com o passar do tempo, seria muito mais bonita que a mãe. Era exatamente isso que Paula desejava para ela, olhando para ela todos os dias. E quando aqueles lindos olhos se reflectiam no seu olhar, ela queria com toda a força que Elena tivesse uma vida melhor que a sua. Nunca tinha sido uma mãe apreensiva; adorava que a sua pequenina fosse descobrindo o mundo sozinha, pouco a pouco, sabendo que a mãe estaria sempre ali, no seu campo de visão, sempre que fosse necessário.

Elena, naquele momento, estava a brincar com dois meninos perto de um baloiço. Os sentidos de Paula activaram-se de imediato, sem qualquer razão aparente, mas já não a tempo. Viu a filha aproximar-se demasiado, de costas, em direcção ao outro menino que estava naquele baloiço. O choque foi inevitável. O menino bateu-lhe com o assento de madeira na cabeça e Elena voou para o chão. Paula tentou levantar-se rapidamente mas não conseguiu. Deu-lhe uma dor de cabeça incrível de repente e, depois de alguns segundos, a sua visão turvou-se, tudo ficou negro e caiu sobre o manto de folhas na relva.

II

Se pensarmos bem, todos os dias são, em teoria, perfeitamente iguais: 24 horas de tempo que passam devagar. No entanto, a cada dia acontece uma multidão de eventos que tornam muito difícil, quase impossível, que um dia seja totalmente igual a outro. Às vezes a carga de emoções que sentimos num dia em concreto pode chegar a transformar esse período de tempo insignificante num ponto de viragem que marca a nossa vida.

Paula abriu os olhos. Tinha tido uma espécie de momento de ausência. Não sabia explicar muito bem o que acabava de lhe acontecer. Sacudiu a cabeça e perdeu-se nos seus pensamentos. Gostava muito daquele banco, era o seu lugar preferido. Ali sentada, tinha passado muito tempo da sua vida, sozinha ou acompanhada, deprimida ou contente. Tinha visto muitas vezes a árvore que estava mesmo ali ao lado a florescer. Eram infinitas as folhas que tinha visto cair durante o outono. Felizmente, nunca lhe tinha calhado ver os ramos cobertos de neve, já que não gostava nada de frio.

A jovem mulher baixou o olhar e voltou a ler com grande concentração a sua revista científica. As novas descobertas alimentavam muito a sua curiosidade e o artigo que estava a ler fez-lhe arrepiar toda a espinha. Alguns cientistas tinham descoberto o "horizonte de eventos".

As palavras que os autores usavam para descrever esse fenómeno físico, continuou a ler Paula, eram as seguintes: "uma fronteira do espaço-tempo que rodeia um buraco negro, um ponto imaginário de não retorno a partir do qual o que se encontra dentro do limite não tem possibilidade de escapar. Nem a luz consegue, presa pela imensa gravidade do núcleo. Assim, o que está fora não pode olhar para dentro, porque não há nada para ver. Os eventos de um lado da fronteira não podem afectar de forma alguma um observador situado do outro lado. É a barreira mais impenetrável que existe." A jovem mulher sentiu uma vertigem ao ler estas palavras e também uma sensação muito estranha que não soube identificar.

Fez uma pausa e ergueu o olhar. Os seus olhos brilharam. Há já quatro anos que a sua filha lhe oferecia momentos de pura ilusão, algo que na sua vida tinha sido bastante escasso. Tinha-se mudado para a cidade quando ainda era muito jovem, quando os anos que viveste ainda não te permitem ver as coisas como verdadeiramente são. Teve pouca sorte com amigos e namorados mas agora tinha a Elena e não precisava de mais nada. E aquele banco tinha-se tornado num lugar ainda mais importante, já que dali podia ver a filha a brincar com as outras crianças na zona do parque infantil.

Aquela sensação estranha que tinha tido uns segundos antes, intensificou-se de repente. Paula levantou-se com uma ligeira inquietação no interior. Improvisadamente sentiu uma necessidade imensa de abraçar a filha. Aproximou-se da vedação que separava a relva do parque infantil e gritou em voz alta: «Elena, querida, vem aqui um momento, por favor!»

A menina ficou surpreendida com o timbre tão alto da voz da mãe. Parou um segundo e reflectiu ingenuamente sobre se teria feito algo errado. Não se lembrou de nada e começou a correr para a mãe. Não se apercebeu que um menino, sentado num baloiço de madeira, vinha a toda velocidade na direcção da sua cabeça. Não conseguiu perceber porque estava a pensar na mãe e se ela a iria repreender por alguma coisa. O choque foi inevitável e a menina caiu no chão. Os olhos de Paula reviraram-se. Tentou gritar algo, abrindo a boca, mas não conseguiu. Uma dor de cabeça incrível atingiu-a e, de repente, fechou os olhos e caiu ao lado da vedação.

...continuará no próximo fascículo.

Stefano D'Alessio

receita QUICHE DE ALHO- -FRANCÊS

INGREDIENTES

3 alhos-franceses
1 cebola
6 ovos
massa folhada
queijo ralado Grana Padano
sal
pimenta
orégãos

PROCEDIMENTO

1. Pré-aquece o forno a 180 °C.
2. Corta a cebola e os alhos-franceses.
3. Deita um pouco de azeite numa frigideira e refoga-os.
4. Enquanto cozinham, bate os ovos numa taça e tempera com sal e pimenta.
5. Quando estiverem refogados, mistura os legumes com os ovos.
6. Coloca a massa num recipiente de forno.
7. Verte a mistura sobre a massa.
8. Leva ao forno durante 30 minutos, ou até que, ao espetar um garfo, este saia limpo.

